

KA'AGUY HETÉ REGUÁ: CRIAÇÕES NATURAIS ORIGINÁRIAS DE USO COMUM E SUA RELAÇÃO COM O TERRITÓRIO GUARANI NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Rafaela Biehl Printes  

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Gabriela Peixoto Coelho-de-Souza  

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PGDR/ASSSAN/NesSsAN/DESMA

submissão: 18/03/2020 | aprovação: 06/08/2021

RESUMO

O artigo analisa, a partir do modo de ser e viver *Mbya* Guarani, a categoria cosmoecológica *ka'aguy heté reguá* e sua relação com o território, a partir da caracterização de seus espaços de acesso, usos e circulação, em meio às práticas de reciprocidade intra e interaldeã que compõem o território Guarani no litoral do Rio Grande do Sul. São apresentadas as condições de acesso e fluxos de trocas de plantas envolvendo treze aldeias, abrangendo dimensões permeadas de sentidos espirituais e cosmoecológicos. A mobilidade territorial interligada ao manejo de sementes, folhas e frutos envolve múltiplas lógicas e coexistências entre os seres.

Palavras-chave: Mbya Guarani; território; bens comuns.

KA'AGUY HETÉ REGUÁ: ORIGINAL NATURAL CREATIONS IN COMMON USE AND ITS RELATION WITH THE GUARANI TERRITORY, IN THE COAST OF RIO GRANDE DO SUL, BRAZIL

ABSTRACT

The article analyzes, from the *Mbya Guarani's* way of being and living, the *ka'aguy heté reguá* cosmoecological category and how it relates to the territory. The study is made after the characterization of their access, use and circulation spaces, among the reciprocity practices that happen inside and amidst the villages that compose the Guarani territory, in Rio Grande do Sul coast. Access conditions are presented, as well as the exchange flow of plants among 13 villages, which encompasses dimensions permeated in spiritual and cosmoecological ways. The territorial mobility is connected to the handling of seeds, leaves and fruits, and it involves multiple knowledges and the coexistence of beings.

Keywords: Mbya Guarani; Territory; Common Goods.

KA'AGUY HETÉ REGUÁ: CRIACIONES NATURALES ORIGINARIAS DE USO COMÚN Y SU RELACIÓN CON EL TERRITORIO GUARANI EN LA COSTA DEL RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

RESUMEN

El artículo analiza, desde la forma de ser y de vivir *Mbya Guarani*, la categoría cosmoecológica *ka'aguy heté reguá* y su relación con el territorio, a partir de la caracterización de sus espacios de acceso, usos y circulación, en medio de las prácticas de reciprocidade intra e inter aldeana que conforman el territorio Guarani en la costa de Rio Grande do Sul. Las condiciones de acceso y flujos de intercambio de plantas involucran 13 aldeas, abarcando dimensiones impregnadas de sentidos espirituales y cosmo ecológicos. La movilidad territorial ligada al manejo de semillas, hojas y frutos implica múltiples lógicas y coexistencias entre seres.

Palabras clave: Mbya Guarani; Territorio; Bienes Comunes.

1 INTRODUÇÃO

A essência do *Mbya rekó*, o modo de ser e viver *Mbya Guarani*, está diretamente associada à mobilidade territorial, intrínseca aos usos e manejo de espécies vegetais; em especial, sementes, folhas, frutos, propágulos e espécies de animais silvestres; associados à caça de subsistência e a estimacão. Essa interação entre os Guarani e as *ka'aguy heté reguá* (criações naturais originárias) de origem vegetal e animal disponíveis na Terra são responsáveis por mobilizar os fluxos da territorialidade desse grupo no *Yvy Rupá*, seu território originário (Printes 2019). As *ka'aguy heté reguá*, na língua guarani, correspondem às “criações naturais originárias” criadas por *Nhamandu Ru Etê*, sinônimo de *Nhanderu heté tenondegua*, em português, o “nosso pai verdadeiro, o primeiro”, aquele que criou outros deuses, também chamados de *Nhanderu*, que foram o *Nhanderu kuery* (grupo de deuses), que vivem na natureza e protegem as criações, pois são “donos” dos elementos que existem nas matas e demais ambientes em que os Guarani habitam. Para se manterem dentro do *mbya rekó* (modo de ser *Mbya*), fazendo uso das criações, é preciso meditar pelos deuses na *opy* (casa de reza) (História e Cultura Guarani 2021).

Na cosmoecologia *Mbya Guarani*, que envolve a indissociabilidade dos atributos físicos-ambientais-

espirituais do território propícios ao *mbya rekó*, se favorece a existência e acesso às criações naturais originárias relacionadas a uma criação divina, de modo que as criações naturais devem estar disponíveis para servir às necessidades de todos os seres (Souza 2008, Ladeira 2008).

Para os *Mbya Guarani*, todas as “coisas” disponíveis na natureza são criações de *Nhamandu*, ou *Nhanderu heté tenondegua*, o criador do *Yvy Rupá*, o suporte de tudo, onde se expressa a territorialidade *Mbya* e se conforma o território originário. Por isso, os *Mbya* entendem que só o criador tem o direito de “dispor da terra, destruí-la, reedificá-la” (Ladeira 2008: 138), foi nesse sentido que *Nhanderu* concedeu um sistema e uma ética aos Guarani, que orienta “as almas, a terra e as criações”, essas últimas reconhecidas como “coisas” ou elementos presentes no ambiente e recebidas de *Nhanderu*, que não podem ser vendidas, caso contrário, estariam pondo em risco todo um sistema de relações entre humanos e *Nhanderu* (Ladeira 2008: 138). As plantas disponíveis nas matas e as sementes originais que cultivam nas *kokué* (roças) incluem-se, dentre as “coisas” recebidas, como dádiva. Na agricultura tradicional, toda a produção destina-se ao consumo das aldeias e não à comercialização, pois é para satisfazer a fome que as sementes amadurecem e não para serem “objetos de avareza”, e assim repetidas vezes

os Guarani as semeiam, conforme o respeito às regras de *Nhanderu* (Cadogan 1948 apud Ladeira 2008: 177).

A relação estabelecida pelos *Mbya* com o conjunto de elementos de origem vegetal, animal e mineral que compõe as *ka'aguy heté reguá* (criações naturais originárias) pode ser interpretada como uma forma de desmercantilização do uso dos “recursos naturais” acessados na sua reprodução sociocultural, quando comparada aos conceitos e saberes da ciência ocidental. Nessa perspectiva, a definição de “recurso” do ponto de vista ecológico, se refere a um determinado elemento, podendo ser matéria, energia, espaço, dentre outros, que apresenta atributo(s) para promover o curso de vida, incluindo os ciclos de crescimento, desenvolvimento, sobrevivência e reprodução de um ou mais organismos vivos e que, ao ser utilizado, deixa de estar disponível para outro organismo (Townsend et al. 2006). Essa definição está de acordo com a cosmovisão guarani, de ontologia abrangente e sistêmica, que visualiza as criações naturais originárias integradas à existência e interdependência de todos os seres, se aproximando à perspectiva de recursos de uso comum (Berkes et al. 1989, Ostrom 2009). Entretanto, a perspectiva das “criações naturais”

parece não ser compatível com a categoria “recurso” quando ela deixa de ter esse caráter sistêmico, restringindo-se à matéria-prima que, com capital e mão de obra, é transformada em produtos e serviços nos sistemas econômicos.

De acordo com Diegues (2001), elementos da biodiversidade, como madeira, frutos, plantas medicinais, fibras/cipós, sementes, espécies de extrativismo vegetal (para fins alimentares, medicinais, rituais/xamanismo, materiais de construção, confecção de artefatos etc.), animais silvestres, peixes, águas superficiais e subterrâneas, terra para cultivar, ar puro, dentre outros, são considerados “recursos naturais de uso comum”. Outros autores definem os recursos de uso comum¹ como “uma classe de recursos para a qual a exclusão é difícil e o uso do conjunto envolve subtração” (Berkes et al. 1989: 91), ou seja, ao compartilhar o recurso, os indivíduos subtraem daquilo que pertence também a todos os indivíduos. Desse modo, os recursos naturais de uso comum se caracterizam pela excluibilidade, “controle de acesso que se torna custoso ou mesmo impossível devido à natureza física de tais recursos” (Feeny et al. 2001: 19); e pela subtraibilidade, a “capacidade de cada usuário subtrair parte da prosperidade do outro” (Feeny et al. 2001: 19). É exatamente este ponto de

¹ *Common-pool resources* (Berkes et al. 1989).

equilíbrio entre “excluíbilidade e subtraibilidade” que parece orientar a lógica de uso das criações naturais originárias de uso comum, envolvendo princípios éticos e simbólicos na organização social interna, intercâmbio de espécies, reciprocidade e renovação de ciclos que se expressam em fluxos de mobilidade territorial e orientam o estabelecimento das *tekoá* (aldeias) no *Yvy Rupá*, expressando a territorialidade *Mbya* Guarani.

Na literatura referente aos saberes da ciência ocidental, noções que diferenciam o conceito de “bens comuns” do conceito de “recursos comuns” são encontradas. Conforme Svampa (2016), os bens comuns podem ser entendidos como uma forma de ressignificação feita pelos movimentos sociais ao termo recursos naturais, na busca de deslocar a lógica mercantil capitalista dos recursos que a natureza oferece, pois são a garantia da sustentabilidade das vidas presentes em determinados territórios (Svampa 2016). O termo “bens comuns” é entendido como aquele que pertence, é usufruído e consumido por um grupo extenso ou pela sociedade em conjunto. Os “bens comuns” provêm de sistemas naturais ou sociais, podendo ser palpáveis ou intangíveis, mas “comuns” na sua origem, “herdados ou construídos coletivamente” (Acosta 2016: 197).

Nesse sentido, a palavra “comum” estaria vinculada ao caráter daquilo que é inalienável,

compartilhado, pois se associa àquilo que é comunitário e busca desmercantilizar os recursos que a natureza dispõe para uso dos comuns, fortalecendo a perspectiva de “patrimônio natural, social e cultural, cujos valores transcendem qualquer preço” (Svampa 2016: 149). Portanto, adota-se a denominação de “criações naturais originárias de uso comum” para traduzir o termo *ka'aguy heté reguá*, que se refere aos bens naturais criados por *Nhanderú* e disponíveis nos espaços em ambientes diversos e que sustentam a reprodução física e cultural *Mbya*.

A intrínseca relação existente entre a reprodução sociocultural *Mbya* Guarani e os bens naturais de uso comum, à luz da perspectiva das *ka'aguy heté reguá*, revelam outras lógicas de interagir e usufruir dos “recursos”. Por serem criações de *Nhanderu* e só a Ele pertencerem, devem, portanto, ser de “livre acesso” aos *Mbya*, pois os utilizam com a responsabilidade exigida conforme as regras de uso cultural. Essas regras conduzem o manejo guarani que mantém vivo o *Mbya rekó*, em meio às teias de parentesco e solidariedade intra e intergrupar, ativas na mobilidade que fortalece o acesso aos bens comuns. A manutenção e o acesso às criações naturais originárias de uso comum parecem ser o maior desafio contemporâneo do povo *Mbya* Guarani. Na perspectiva *Mbya*, as criações naturais que

correspondem às plantas, animas silvestres, água, terras e demais elementos dos reinos vegetal, animal e mineral presentes no ambiente, são de acesso e uso comum e somente os *Nhanderu kuery* (conjunto de deuses protetores das criações) são quem autorizam ou não o acesso e quantidade dos usos, por meio do manejo orientado pelas regras culturais *Mbya*.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar a categoria cosmoecológica *ka'aguy heté reguá* e sua relação com o território, a partir da caracterização de seus espaços de acesso, usos e circulação, em meio às práticas de reciprocidade intra e interaldeã que compõem o território Guarani, em uma porção do *Yvy Rupá* localizada no litoral do Rio Grande do Sul (RS). A pesquisa envolveu o conjunto de aldeias (*tekoá*) situadas no litoral do estado, em porções de terras que compõem fragmentos deste território originário com fluxos de mobilidade e manejos contínuos, historicamente atravessados por outras territorialidades. Na atualidade, as *tekoá* estão envoltas em diversas problemáticas socioambientais, as quais desafiam a manutenção e o acesso às criações naturais originárias de uso comum.

O artigo está estruturado em cinco seções, sendo a primeira esta introdução, que apresenta a perspectiva das *ka'aguy heté reguá*, as criações naturais originárias de uso comum, e sua relação

com a noção de bens naturais na perspectiva não indígena. A segunda seção apresenta o contexto dos *Mbya* Guarani na contemporaneidade, ressaltando aspectos da situação territorial e ambiental dos espaços em que vivem. A terceira seção caracteriza as “criações naturais originárias de uso comum” *Mbya* Guarani identificadas quanto aos acessos, manejos e fluxos de circulação em relação à territorialidade *Mbya*, envolvendo as *tekoá* no litoral do Rio Grande do Sul. A quinta seção analisa a categoria cosmoecológica guarani *ka'aguy heté reguá* e as fricções que ela impõe à cosmologia representada pela ciência ocidental. Por fim, na quinta seção são apresentadas as considerações finais.

2 CONTEXTO DO POVO MBYA GUARANI NA CONTEMPORANEIDADE

Os *Mbya* Guarani integram o conjunto sociocultural da família linguística Tupi-Guarani, do tronco Tupi, que, provenientes da região amazônica, passaram a migrar para a porção Sul, nas terras baixas da América do Sul há aproximadamente 3.000 anos. A história *Mbya* Guarani tem por cenário as matas subtropicais das bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai (Schaden 1974, Schmitz 1991, Chamorro 1999).

Os espaços de vida guarani foram secularmente colonizados, descaracterizados, desmatados, destruídos concomitantemente às agressões cometidas aos ambientes da Mata Atlântica e ecossistemas associados. Tal como refugiados ambientais e cativos em seu próprio território, mantiveram certo grau de interação com os não indígenas, porém como estratégia de autoproteção, os *Mbya* foram se embrenhando nas matas e nas áreas montanhosas mais íngremes e de difícil acesso, buscando a invisibilidade, o isolamento, levando-os a afastarem-se das margens dos rios e do mar, deixando inclusive de praticarem deslocamentos em suas canoas, um componente fundamental do *Mbya rekó* (modo de ser e viver) (Souza 2008).

No Sul e Sudeste brasileiro, com o crescimento das cidades e a urbanização decorrente da consolidação de modelos econômicos e políticos desenvolvimentistas do século XX, os *Mbya* obrigaram-se a criar formas de diálogos interculturais pelo reconhecimento e defesa de seus direitos territoriais originários, nos distintos Estados nacionais sobrepostos sobre o *Yvy Rupá*. Secularmente, os *Mbya* têm retomado suas terras e acesso ao território originário por meio de diferentes mecanismos processuais, conforme a legislação indigenista brasileira. Entretanto, essas terras representam apenas porções de uma só

terra, o *Yvy Rupá*, que compõe um amplo espaço geográfico e sociocosmológico, e que remonta para antes da formação dos Estados-Nações Brasil, Argentina, Paraguai, Bolívia e Uruguai, países que, em suas construções coloniais, impuseram fronteiras no contínuo território guarani.

Assim, para eles, toda a terra por onde caminham e onde estabelecem suas *tekoá* (aldeias) compõe uma parte ou porção do *Yvy Rupá* - território ancestral e originário (Souza 2008, Ladeira 2008, Printes 2019). Nesse contexto, a ideia de mover-se, ou melhor, a mobilidade (Garlet 1997) é o termo apropriado para explicar a dinâmica de uso do espaço pelos *Mbya*, pois, a

mobilidade e a reciprocidade permitem a apreensão do espaço físico e do espaço social, sendo a base de intercâmbios de sementes, plantas, matérias-primas, rituais, mutirões, etc. (Ladeira 2008: 104).

Nenhum espaço é abandonado definitivamente, já que em constante movimento, os *Mbya* tecem, constroem e modelam os caminhos por onde passam, manejando os recursos da biodiversidade que lhes servem de suporte físico e espiritual no mundo.

No Brasil, a população *Mbya* Guarani é estimada em 8.026 indígenas, segundo o censo IBGE (2010), sendo mais expressiva nas regiões Sudeste e Sul. No Rio Grande do Sul predominam os *Mbya* Guarani, com uma população aproximada de 3.000

peessoas distribuídas em cerca de 400 famílias. No território gaúcho, o povo *Mbya* Guarani está presente em todos os ambientes geográficos, desde a região das Missões, passando pelo Planalto, Pampa e Litoral. Historicamente, o processo de colonização europeia forçou o confinamento dos *Mbya* em pequenas porções de terras, como as beiras das estradas, submetendo-os a uma vida de privações e desigualdades. Dos cerca de 25 milhões de hectares de terras no Rio Grande do Sul, cerca de 90.000 hectares estão destinados às terras indígenas, correspondendo a 0,37% no estado, distribuídas entre as etnias Guarani, Kaingang e Charrua (Soares 2012).

No Rio Grande do Sul, encontram-se os biomas Mata Atlântica e Pampa, sendo que na sua região Nordeste predominam três regiões fitoecológicas da Mata Atlântica: Florestas Ombrófila Densa e Mista e Áreas de Formação Pioneira (Restingas e Banhados). No seu litoral, as *tekoá* (aldeias) *Mbya* Guarani estão localizadas no Planalto, na encosta do Planalto e na Planície Costeira, apresentando áreas íngremes e de altitude, cujas condições climáticas e de solos, por vezes desfavoráveis, inviabilizam o cultivo de sementes tradicionais como, por exemplo, na *tekoá Nhu'u Porã* (Campo Molhado), a cerca de 900 m de altitude, possui solos impróprios devido à extrema umidade e o frio intenso. Conforme Freitas (2006), o local ideal para

localização das *tekoá* são as áreas entre a encosta do Planalto e as planícies (*yvy angüy*), próximo às lagoas e ao mar, onde é possível cultivar sementes e acessar espécies florestais.

Nessas circunstâncias, as *tekoá* no litoral gaúcho se caracterizam por apresentarem contrastes ambientais e territoriais, associados à localização geográfica, estando imersas em contextos socioambientais diversos, relacionados aos usos não indígenas e às suas situações fundiárias. Tratam-se de terras adquiridas por meio das medidas mitigadoras da duplicação da rodovia BR-101, terras indígenas tradicionalmente demarcadas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), conforme artigo 231 da Constituição Federal de 1988; terras cedidas por particulares por tempo indeterminado; e mais recentemente as terras retomadas pelos *Mbya*, que referem-se a processos de autodemarcação e compõem a luta de reocupar porções de terras em seus territórios originários esbulhados pela colonialidade, em resposta às constantes ameaças do Governo Federal, por exemplo, relacionadas a inviabilizar as demarcações das terras indígenas (como a Proposta de Emenda à Constituição, PEC 215/2000, que propõe a transferência de responsabilidades sobre a demarcação de terras indígenas do Poder Executivo para o Legislativo, desrespeitando a Constituição de 1988); a tese do Marco Temporal, que tramita

no Supremo Tribunal Federal (STF) e ignora a tese do Indigenato relativa aos “direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam” (BRASIL 1988), defendendo que os povos só teriam direito a demarcação de terras que estivessem sob sua posse no dia 5 de outubro de 1988, ou sob disputa física ou judicial; e ainda o Projeto de Lei 191/2020, que pretende autorizar e regulamentar a exploração da mineração, turismo, pecuária, exploração dos recursos hídricos (hidrelétricas) e de hidrocarbonetos (petróleo, gás natural) em terras indígenas. Esses movimentos de retomadas de terras são guiados pela espiritualidade, revelada em sonhos quanto aos espaços a serem retomados/reocupados (Printes; Benites 2017).

Nesse contexto, aldeias *Mbya* contemporâneas diferenciam-se entre si no que tange ao tamanho da área, à situação ambiental em que se encontram, com maior ou menor cobertura florestal, e aos recursos da biodiversidade disponíveis para manutenção do *mbya rekó*. De modo geral, nesta porção do *Yvy Rupá*, as *tekoá* em seu conjunto, estão em ambientes de regeneração por meio do manejo agroflorestal *Mbya* Guarani, configurando lugares que compõem espaços sagrados, de circulação e passagem milenar dos Guarani no litoral do Brasil. Entretanto, na atualidade, as *tekoá* estão sobrepostas a ambientes secularmente arrasados ambientalmente, abrigando poucos remanescentes

de ambientes nativos, apresentando problemas relacionados ao assoreamento de nascentes, córregos, predominância de espécies exóticas (eucalipto, pinus, acácia) em detrimento de espécies nativas, solos exauridos/degradados/contaminados pela agricultura intensiva, pecuária (Castro & Mello 2013), como vestígios da modernização agrícola de alto impacto ambiental das últimas décadas.

Alguns ambientes em que estão localizadas as *tekoá* no litoral recebem apoio de projetos voltados à recuperação de áreas degradadas, incentivo ao viveirismo, conservação das paisagens com diversificação e recomposição com espécies nativas e de uso tradicional, atividades de coleta de sementes, produção e aquisição de mudas para reflorestamento das aldeias e gestão sustentável do território (IECAM 2015). Dentre as Organizações Não Governamentais (ONG) envolvidas com essas iniciativas junto aos Guarani no litoral do Rio Grande do Sul estão o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), o Instituto de Estudos Ambientais e Culturais (IECAM), a Associação de Estudos e Projetos com Povos Indígenas e Minoritários (AEPIM) e a Ação Nascente Maquiné (ANAMA).

A pesquisa aqui descrita foi realizada no território litoral do Rio Grande do Sul, que compreende 24 municípios, dentre os quais sete possuem *tekoá Mbya* Guarani. As *tekoá* envolvidas

na pesquisa estão situadas em uma região de transição entre o planalto e a planície costeira do Rio Grande do Sul e seus habitantes apresentam laços fortes de reciprocidade e processos dinâmicos de circulação, tecidos na interação com as *ka'aguy*

heté reguá em meio a relações de governança com as demais territorialidades coexistentes. Essas *tekoa* circunscrevem fragmentos do *Yvy Rupá* nas porções Sul litorâneas na América do Sul, conforme mostra a figura 1.

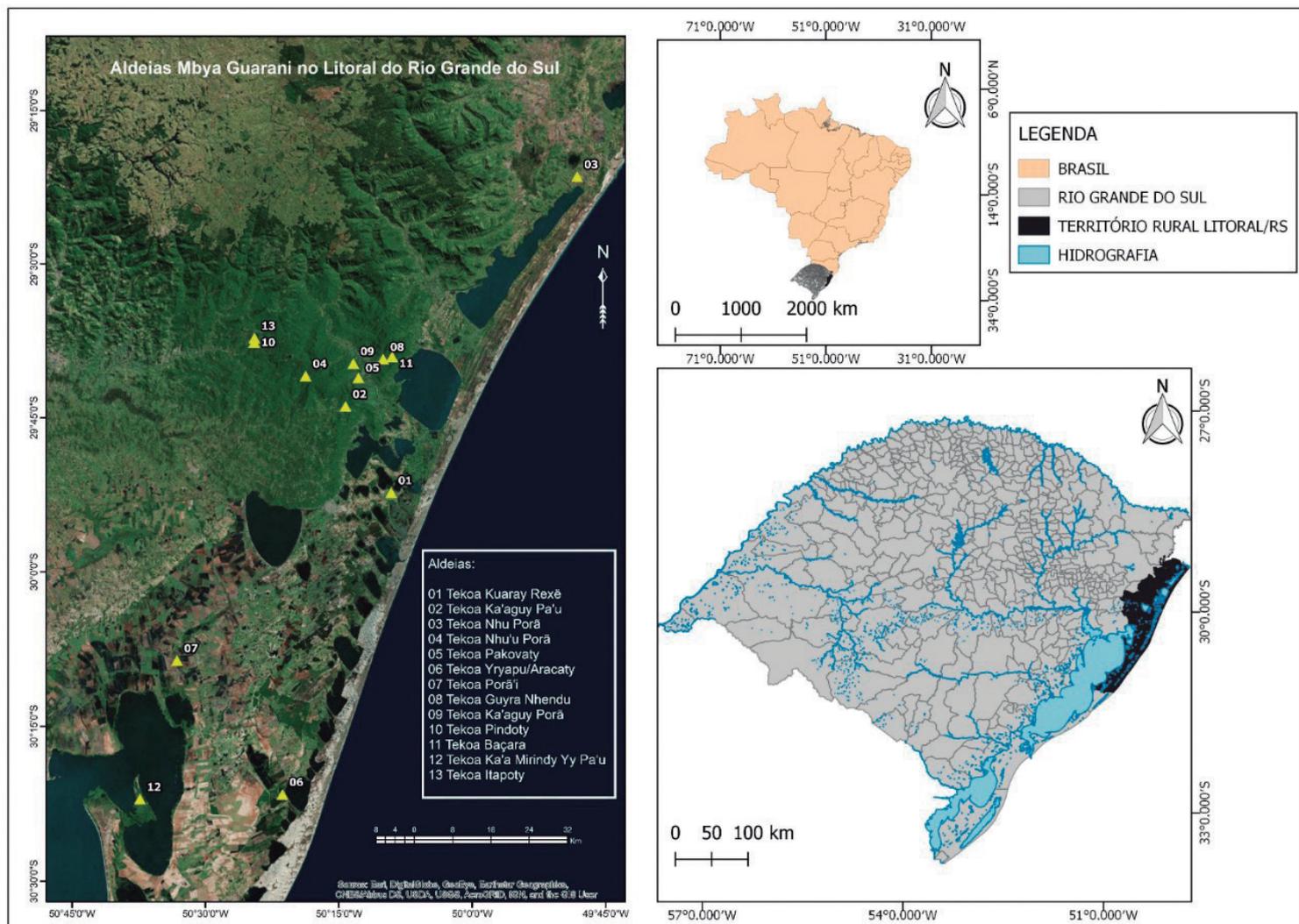


Figura 1 - Localização do Território Rural Litoral e aldeias *Mbya Guarani* no litoral do RS.

Fonte: Elaborado por Silva & Straceione (2018)

Trata-se de uma pesquisa etnográfica², realizada entre os meses de março a novembro de 2016 e julho de 2017, por meio de expedições nas aldeias, com permanência de até quatro dias, recorrendo a observações diretas, conversas informais (Silveira & Córdova 2009, Rocha & Eckert 2008), entrevistas abertas, caminhadas guiadas pelos *Mbya* para identificação, registro fotográfico e mapeamento participativo dos *ka'aguy heté* (Printes 2019). Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo (Bardin 2006), considerando como categoria de análise *teko porã reguá* (caminho do bem-viver), *ka'aguy heté* (criações naturais originárias), retomada, *Yvy Rupá* (território originário), regras de *Nhanderú*, buscando descrever e explicar a territorialidade *Mbya* associada às *ka'aguy heté reguá* em uma porção do *Yvy Rupá*. Também foi feito o acompanhamento dos *Mbya* em excursões para coleta de *takua'i*

(taquara-mansa), em visitas à *tekoá Nhu'u Porã*, na coleta de *ka'a* (erva-mate) para o cario³ nas *tekoá Guyra Nhendu e Nhu'u Porã*.

Para obtenção de pontos (coordenadas geográficas) fez-se uso do *GPS Map60 CSx* (Garmin). Posteriormente, os pontos foram georreferenciados em o Sistema de Informações Geográficas (SIG), e os produtos cartográficos elaborados com programa *ArcMap 10.5.1*. com dados da base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul (Hazenack 2010). Para localização das aldeias também foi utilizado o Mapa Guarani Digital (CTI, 2016). Para edição final de mapas e figuras foi utilizado o programa *Corel Draw 2018*.

A próxima seção apresenta as criações originárias de uso comum, em meio às situações territoriais e ambientais, e espacializa a presença desse grupo étnico nas terras baixas da América do Sul.

2 A pesquisa foi realizada por meio do trabalho conjunto com o Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET/UFRGS), que assessorava o Território Rural Litoral (Coelho-de-Souza et al. 2017, Coelho-de-Souza et al. 2019), onde os Guarani estavam representados pelo cacique da aldeia *Pindoty* (Printes 2019). No caso do Território Rural Litoral, a política territorial foi executada em transversalidade com a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI) (Printes et al. 2016). Nesse contexto, a pesquisa *Resiliência dos sistemas socioecológicos em territórios rurais do sul do Brasil: entaves e potencialidades de processos de desenvolvimento territorial no Centro Sul, Campos de Cima da Serra e Litoral (RS) e Extremo Sul Catarinense (SC)* foi desenvolvida conjuntamente com o NEDET. A pesquisa foi aprovada junto à Plataforma Brasil pelo número CAAE 58383016.3.0000.5347. O processo de consentimento dos *Mbya* foi solicitado inicialmente junto ao cacique da aldeia *Pindoty*, e em cada aldeia visitada, onde o objetivo da pesquisa era explicado e discutido (Printes 2019).

3 Processamento artesanal de erva-mate.

3 CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE ACESSO, USOS E CIRCULAÇÃO DAS KA' AGUY HETÉ REGUÁ (CRIAÇÕES NATURAIS ORIGINÁRIAS DE USO COMUM) EM ALDEIAS DO LITORAL DO RS

De acordo com Andrade (2019), os Guarani têm forte dependência física e cultural e dos recursos florestais baseados em seus conhecimentos ecológicos e botânicos que garantem o sucesso em manejar os ambientes. Somente na região Sul de Santa Catarina (SC), Pereira (2016) sistematizou um banco de dados com 639 espécies botânicas de 109 famílias usadas pelos Guarani, sendo as partes mais usadas os frutos, o caule e as folhas. Andrade (2019), em sua investigação sobre as trocas e intercâmbios de propágulos em sete aldeias guarani, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, identificou 49 espécies de plantas correspondendo a 27 famílias botânicas que contribuem para a formação das paisagens culturais.

Atualmente, nas *tekoá* no litoral do Rio Grande do Sul, os *Mbya* encontram as criações naturais em meio aos fragmentos de matas nas *tekoá* (aldeias) e seu entorno, por vezes acessando-as na interação com os *juruaá* (não indígena), cujas terras são vizinhas às aldeias, e por vezes, constroem laços permanentes de confiança mútua que possibilitam acessarem algumas dessas criações fora dos “limites contemporâneos” impostos à territorialidade que envolve uma *tekoá*.

Existe um contínuo esforço dos *Mbya*, especialmente dos *xeramoi* e *xejary* (anciãos e anciãs) em manterem o *Mbya rekó* e a continuarem vivendo conforme um modo de ser orientado pelas “regras de *Nhanderu*”. Viver conforme essas regras demanda manterem-se conectados à rede espiritual *Mbya* e às redes de acesso às *ka'aguy heté reguá*. As seculares intervenções dos *juruaá kuery* (grupo de não indígenas), em meio a políticas indigenistas assistencialistas, prejudicaram as formas de organização do *Mbya kuery* (grupo dos *Mbya*), situação que tem fragilizado a manutenção do território em que vivem em equilíbrio com o *Mbya rekó* (Printes 2019).

Por exemplo, para construção das *opy* (casa de reza), os materiais necessários para a cobertura, são *takua'i* (taquara mansa), *taquaruçu* (taquara) ou *kapi'i reimbé* (capim santa fé), os quais são deslocados de uma *tekoá* para a outra, pelos próprios *Mbya* ou com apoio de instituições parceiras. Essa logística de transporte dos materiais é geralmente complicada e demorada, tanto pelos entraves impostos pelas distâncias geográficas envolvendo a necessidade de veículos, quanto os trâmites burocráticos de instituições, como Funai e Emater, as mais procuradas para darem este suporte, além de ONGs, como o Centro de Trabalho Indigenista (CTI).

Nesta seção, a partir da categoria cosmoecológica *ka'aguy heté reguá* e sua relação com o território *Mbya* Guarani, foi feita a caracterização de seus espaços de acesso, usos e circulação das criações naturais, em meio às práticas de reciprocidade intra e interaldeã que mobilizam os fluxos da territorialidade indígena em uma porção do *Yvy Rupá* localizada no litoral do Rio Grande do Sul. Para então, a categoria *ka'aguy heté reguá* ser retomada e discutida demonstrando contrapontos e dissensos com a cosmologia das sociedades modernas.

3.1 KA'AGUY HETÉ REGUÁ

As criações naturais originárias de uso comum que mobilizam a circulação dos *Mbya* nesta porção do *Yvy Rupá* são manejadas nas *tekoá* (aldeias) entre os espaços das roças, das matas e das áreas úmidas, a partir das relações cosmoecológicas estabelecidas entre os *Mbya*, os *Nhanderú kuery* (guardiões das criações naturais), as características ecológicas das espécies e dos ecossistemas. Na subseção que segue são apresentados os espaços e ambientes de manejo agroflorestal de espécies vegetais que incluem sementes originárias, folhas, frutos, fibras e madeiras.

3.1.1 MA'ETY (PLANTAÇÕES ORIGINAIS)

As *ma'ety* (plantações originais) são mantidas nas *kokué* (roças) por meio dos “bancos de

sementes” familiares, fortalecidos nas redes de parentesco existentes nesta porção do *Yvy Rupá*. As trocas ou doações de sementes são realizadas em meio às visitas ao longo do ano, em especial, durante o *ara pyau* (tempos novos), período entre o equinócio de primavera e o equinócio de outono, sendo o auge dos tempos novos o mês de janeiro, quando ocorre a celebração da colheita de *avaxi* (milho) e os rituais de batismo.

Nas *ma'ety* das aldeias do litoral do Rio Grande do Sul, os *Mbya* nos apresentaram sete variedades de sementes de milho: *avaxi etei* (milho verdadeiro), denominadas de *avaxi pará* (milho pintado – amarelado/branco-claro e preto); *avaxi pytã* (milho vermelho); *avaxi ju pará* (milho amarelo e preto); *avaxi ju* (milho amarelo); *avaxi ju toveí* (milho anão, com coloração amarela/dourada); *avaxi tin* (milho branco), *avaxi hü* (milho preto). A figura 2 mostra as variedades de *avaxi heté* que circulam entre as aldeias no litoral gaúcho.

Em conversa com Julia Gimenes, liderança *Mbya*, ela explicou que todos os anos planta e colhe essas variedades de *avaxi etei* e salientou que: “o *avaxi*, esse do nosso, não é do *juruá*, é nosso, porque o *Nhanderu* mesmo que botou aqui na terra pro Guarani”. Nas *kokué* (roças) das aldeias no litoral do Rio Grande do Sul, junto com as variedades de *avaxi etei* também cultivam nas *ma'ety*, as sementes de

kumanda (feijão), *mandió* (mandioca), *jety* (batata-doce), *pety* (tabaco), *manduvi* (amendoim), *yakua* (cabaça) e *xanjau* (melancia).

Em diálogo com outros representantes *Mbya* no litoral foi reforçada a centralidade da manutenção das sementes originais ou verdadeiras em conjunto com as “regras de *Nhanderu*” que devem estar combinadas para que o sistema *mbya rekó* seja sustentado. As sementes originárias estão entre as criações naturais mais importantes para o *mbya rekó*, conforme o depoimento que segue:

Isso que eu quero fazer, quero manter sempre a semente! Porque tudo tem que combinar, não é só palavra, não é só jeito, não é só cultura, tudo tem que combinar, se não, não consegue

fazer, porque se faltar uma peça não funciona. Por exemplo, se eu plantar milho, tem que combinar com *opy*, que eu vou precisar, a alma do meu filho vai precisar, *Nhanderu* vai precisar disso. Então cada coisa tem que ir combinando. Nosso nome em Guarani, mesma coisa, todo ano tem que renovar, mesmo que não trocar, tem que renovar. Pra isso é importante *opy*. Pra isso é importante todo ano ter a semente. Porque pra fazer essa renovação do nome, tem que ter semente, tem que fazer os *bodiapé*, pra fazer renovação de nome, pra ter força, pra tudo cada ano tem que renovar, senão cada vez fica enfraquecido. Isso não tá acontecendo mais em todas as aldeias. Por isso muitos jovens tá morrendo também. Porque tem muitas pessoas, muitos jovens que não têm nome Guarani hoje em dia. Porque não tem mais *opy*, pra dar o nome, pra fazer reza. Tem muitas coisas que tá faltando. Por isso que tá faltando força e muitas coisas. (...) (Representante *Mbya* da *tekoá Ka'aguy Porã*, julho de 2016).



Figura 2 - Variedades de *avaxi etei* plantadas nas *tekoá Guyra Nhendu* (2a) e *tekoá Ka'aguy Porã* (2b) no litoral do RS.
Fotos: Acervo de Rafaela Printes (2017).

Atualmente, nas aldeias *Mbya* do litoral do Rio Grande do Sul, dificilmente se cultiva todos os alimentos consumidos, mas são por meio dessas *ma'ety* que ainda são mantidas as sementes e os alimentos que compõem o alicerce do caminho para o *teko porã* (bem-viver). Mantendo as sementes, mantém-se a possibilidade de cumprir as regras de *Nhanderu*, em rituais coletivos, como o *Nhemongarai*, “ritual emblemático que determina a renovação dos ciclos da vida” (Ladeira 2008: 182), realizado durante o *ara pyau*, em que se celebra os nascimentos das crianças, os plantios e as colheitas que garantem as variedades das sementes sagradas.

Parte da reprodução da vida no *mbya rekó* ocorre na cerimônia do *Nhemongarai*, em que os *avaxi* são abençoados pós-colheita, juntamente com a benção às crianças, em que seus nomes-almas são revelados e outros nomes são confirmados pelo *Nheeru ete ramói* (pais das almas) através do *yviraija* (dirigente espiritual) na cerimônia na *opy* (Ladeira 2008). Cada divindade está associada à revelação dos nomes-almas *Mbya* e é representada por um tipo de milho: milho amarelo (sol, *Kuaray*, *Nhamandu*), milho branco (*Karai*), milho vermelho (*Jakairá*) e o milho escuro (*Tupã*) (Verá 2007).

Após a cerimônia do *Nhemongarai*, no dia seguinte, é realizado o *tembiu aguje* (alimento

sublime, transformado) cujos grãos e plantas colhidas nas roças são transformados em alimentos para o corpo e para alma *Mbya*. Durante a pesquisa, acompanhou-se em uma aldeia a preparação do *Nhemongarai*, realizando a colheita e o preparo do *avaxi etei* e da *ka'a* (erva-mate), criações naturais de uso comum que, além de servir de alimento, são usadas em rituais, por isso, alimentam o corpo-alma *Mbya*.

Durante a etnografia e convívio realizado na *tekoá* Guyra Nhendu, se observou e percebeu a alegria dos *Mbya* em período do *ara pyau*. As famílias se reúnem e prepararam as refeições com o *avaxi*, conforme a culinária própria *Mbya*, como *caguijy*, *mbyta'i*, *rora'i*, e também com farinha de trigo (*mbojape'i*, *chipá*, *reviro*), além de *aroca jejy* (suco de juçara), palmito com *ei* (mel). A figura 3 mostra a construção da *opy* (casa de reza) e os preparativos para o *Nhemongarai* na *tekoá* Guyra Nhendu, em que as *kunhangué kuery* (grupo de mulheres) ralam o milho.

As *kyringué* (crianças) acompanham e são estimuladas a participar de todas as atividades. Os mais velhos mostram para elas as variedades do *avaxi etei*, e durante o processo de “sapecar” a *ka'a* (erva-mate) no *tata* (fogo), crianças também estão presentes, observando, como pequenos aprendizes do *mbya rekó*.



Figura 3 – Construção da *opy* (3a), jovens *Mbya* ralam o *avaxi* para o *mbyta'i*, o bolinho de milho (3b), As *kyringue* (crianças) são orientadas a abrirem as espigas de *avaxi etei* (3c).

Fotos: Acervo de Rafaela Printes (2017).

3.1.2 KA'A (ERVA-MATE), KURI'Y (ARAUCÁRIA), TAKUA'I (TAQUARA-MANSA), TREGÜEM (XAXIM) E O YGARY (CEDRO)

Nas aldeias situadas a Nordeste do litoral do Rio Grande do Sul, destacam-se o uso das seguintes criações naturais de uso comum: *Ka'a* (erva-mate), *Kuri'y* (araucária, de onde coletam o pinhão e usam o “nó de pinho”), *Takua'i* (taquara mansa), *tregüem* (xaxim), *Ygary* (cedro), em meio às *ka'aguy* (florestas) localizadas nas áreas mais elevadas da Serra Geral, onde se situam as *tekoá Nhu'u Porã*, *tekoá Ka'aguy Pa'ü*, *tekoá Pindoty*.

Na *tekoá Nhu'u Porã*, a erva-mate é produzida artesanalmente, conforme costumes tradicionais do carijo, realizado periodicamente ao longo do ano. Parte da *ka'a* (erva-mate) feita no carijo

é consumida internamente, também usada em cerimônias na *opy* e outra parte é trocada ou comercializada no território pelos próprios *Mbya* que vivem nas aldeias do litoral. Assim, essa erva-mate não é comercializada nos mercados de Maquiné, mas circula em rede de guarani para guarani, de guarani para os *juruaá* que demandam pela planta.

Sobre o manejo da *ka'a*, o cacique da *tekoá Nhu'u Porã* comentou que “a brotação da erva-mate começa em outubro, daí no mês de outubro não dá de cortar, porque dá a folha nova. Daí janeiro já dá pra colher”. O cacique também citou que o mel de abelhas nativas, *ei heté* (mel verdadeiro), coletado pelos *Mbya* nas *ka'aguy* (florestas) da *Nhu'u Porã*, vem da floração da *ka'a*, e que, portanto, consomem um “mel de erva-mate”.

Assim, ele explicou que *Nhanderu* fez a *ka'a* pra “todos os seres” usufruírem, mostrando que esses usos são sustentáveis e estão interligados quando orientados pelas regras de *Nhanderu*,

Qualquer semente é medicina. Então, também é a erva-mate. Erva-mate é a alimentação da nossa alma. *Nhanderu* usa pra isso. Ele usa de manhã, meio-dia e de tarde. **É a alimentação da alma** a erva-mate. Só que *Nhanderu* usa não como *jurua*, né? Que usa no café, sem trabalho. Então o *Mbya* usa pra fazer muito trabalho, ele usa o mate né? Erva-mate. Só que a primeira ele deixou um pezinho, com um bichinho e o *Mbya* encontrou a semente, por exemplo, o jacu, o tucano, o sabiá, muitas aves comem a sementinha. *Nhanderu* fez a erva não só pro Guarani, mas pra todo mundo (José Verá, cacique da *tekoá Nhu'u Porã*, março de 2018).

Da criação natural *Kuri'y* (araucária), os *Mbya* realizam a coleta do *kuriá* (pinhão) e dos “nós de pinho”, que são as partes da araucária que prendem os galhos ao tronco. O pinhão coletado é vendido em Maquiné e nas praias do litoral do estado. Em 2017 foram colhidos 3.000 kg de pinhão. Seu José comentou que “eles perderam de coletar” o dobro de pinhão em 2017, ou seja, colheram a metade disponível, pois tinham poucos *Mbya* envolvidos no trabalho. Ele disse que são “muitas araucárias por esse mato, assim como a erva-mate, mas esse ano de 2018 vai dar muito pouco pinhão, porque é assim mesmo, por exemplo, três anos dá bastante, e depois de três anos dá muito menos”.

Seu José Verá também faz *petynguá* (cachimbo) com o “nó” (nó de pinho) da *kuri'y* (araucária), encontrado nas matas. Esse feitio de *petynguá* é muito apreciado por todos, pela beleza, durabilidade e qualidade da cachimbada. O *petynguá* de nó de pinho feito por seu José é levado pelos *Mbya* para várias outras *tekoá* no *Yvy Rupá*, podendo ser encontrado em aldeias em Santa Catarina e até São Paulo. O *petynguá* é comercializado entre os *Mbya* nos encontros e em reuniões envolvendo o movimento indígena.

Outra criação natural de uso comum que predomina na *tekoá Nhu'u Porã*, mobilizando o deslocamento dos *Mbya* no litoral para acesso é a *takua'i* (taquara mansa). A *takua'i* é uma taquarinha muito usada como matéria-prima para fazer a cobertura das *oga* (casas) e também para confecção do artesanato, principalmente dos *ajaka* (cestas e baleios) e são coletadas nas matas com facão. A cacique Julia Gimenes é quem realiza expedições periódicas à *tekoá Nhu'u Porã* para realizar a coleta de *takua'i*. O corte da *takua'i* deve ser feito de preferência pela manhã, pois é quando a planta se encontra úmida, sendo fácil de manejar, conforme ilustra a figura 4.

Também ao longo da etnografia acompanhou-se a construção da cobertura de casas com a *takua'i*, que é cortada na mata da aldeia *Nhu'u*

Porã e amarrada em feixes com a fibra da *Yvyra rirã*, *Yvaju* (árvore embira - *Daphnopsis racemosa Griseb.*). Depois, com ajuda de um porrete de madeira, as *takua'i* são quebradas conforme a direção das fibras até abrirem e, em seguida, dobradas ao meio para serem encaixadas como cobertura da casa tradicional. Todo esse processo (cortar/bater/dobrar) deve ser feito no mesmo dia para não correr o risco de a *takua'i* secar e perder a flexibilidade para ser manejada. Uma *oga* (casa) de seis metros de comprimento possui uma cobertura de cinco linhas, cada linha com 85 varas de *takua'i*

dobradas. Uma casa tradicional coberta com *takua'i* pode durar cerca de cinco anos.

O *tregüem* (xaxim) é outra espécie encontrada na *tekoá Nhu'u Porã*, sendo uma criação natural de uso comum usada para fazer paredes, conforme arquitetura de casas tradicionais. Essa arquitetura é única nesta porção do *Yvy Rupá* (litoral do RS), pois as casas de *tregüem* só são encontradas na aldeia *Nhu'u Porã*. O *tregüem* foi escolhido como a criação ideal para construção de casas nesta *tekoá* (Figura 4), devido à ausência e difícil acesso ao barro e à palmeira *pindó*, usados frequentemente na construção de casas tradicionais.

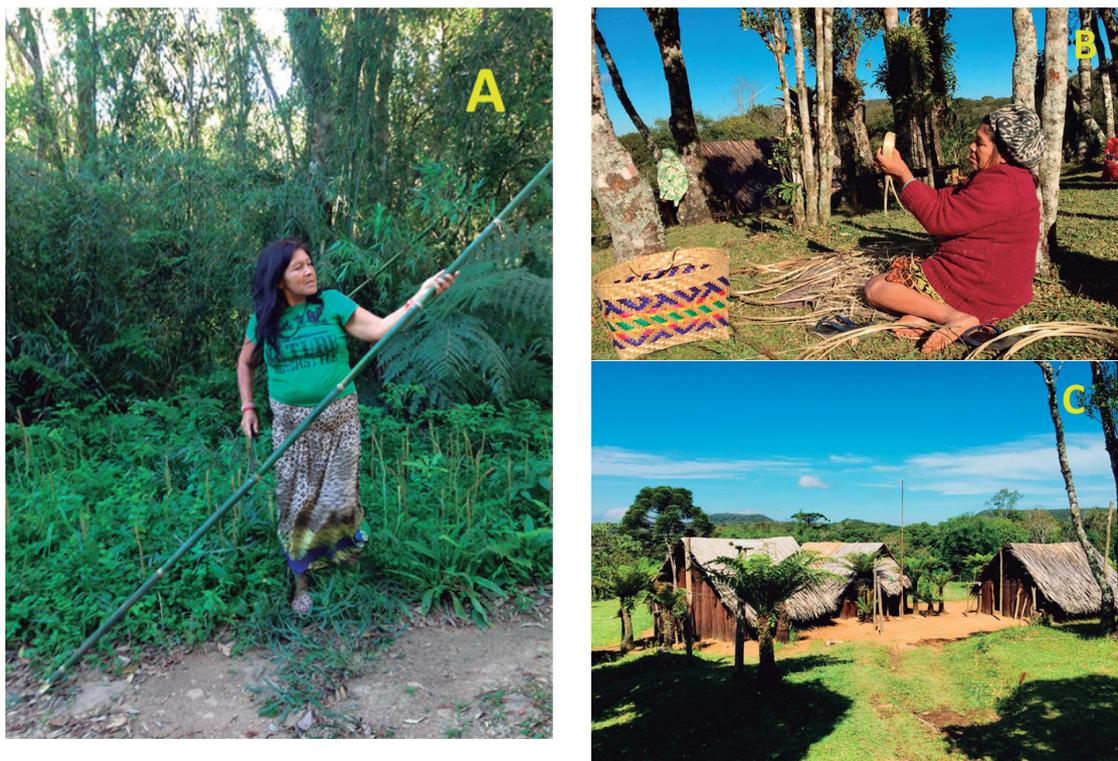


Figura 4 - Coleta de *takua'i* e preparo da fibra para fazer os cestos na *tekoá Nhu'u Porã* (4a e 4b). Casas tradicionais *Mbya* feita de *tregüem*, com amarras de *guembé pi* (cipó) e cobertura de *takua'i* (4c).

Fotos: Acervo de Rafaela Printes (2017).

Assim, a construção de casas de *tregüem* evidencia o *mbya rekó*, pois toda a escolha de um lugar “como *tekoá*” quando orientado por *Nhanderu*, obedece a certas regras, dentre as quais a utilização de materiais naturais locais para a construção das *oga* (casas), interagindo com os elementos da paisagem em que se inserem. Devido às baixas temperaturas nesta aldeia, localizada a aproximadamente 900 m de altitude, as paredes de *tregüem* são as ideais, mantendo o espaço interno seco e aquecido no inverno. Outras espécies vegetais da *ka'aguy* (floresta) usadas na construção das casas tradicionais encontram-se no quadro 1.

O *ygary* (cedro) é considerado uma das criações naturais sagradas na cosmologia *Mbya* pela sua importância cultural, espiritual e de proteção. A madeira desta árvore é especialmente usada na estrutura e fechamento das *oga* (casas) tradicionais, sendo muito procurada nas matas pelos *Mbya*. Prudente (2007:69), citando Costa (1989), explica que esta espécie faz a interligação entre o céu e a terra, o mundo celeste e terrestre, entre o material e o imaterial, demonstrando as interconexões entre todas as criações naturais visíveis e invisíveis, presentes no *Mbya rekó*.

Nome popular	Nome <i>Mbya</i>	Parte utilizada	Modo aquisição
Angico	<i>Karupápitý</i>	caule	Coleta
Taquara ou Bambu	<i>Taquaruçú</i>	colmo	Coleta
Camboatá	<i>Yywata'y</i>	caule	Coleta
Canela	<i>Yvyraovy</i>	caule	Coleta
Cipó	<i>Yxypó eté</i>	caule	Coleta
Cedro	<i>Ygary</i>	caule	Coleta
Capim Santa-Fé	<i>Kapi'i rembé</i>	folhas	coleta/cultivo/troca
Guabiju	<i>Yvaviju</i>	caule	Coleta
Guabiroba	<i>Guavira</i>	caule	Coleta
Guajuvira	<i>Guajatyui</i>	caule	Coleta
Guaimbé (cipó)	<i>Gembé pi</i>	caule	Coleta
Jerivá	<i>Pindó eté</i>	folhas/caule	coleta/cultivo
Louro	<i>Ajuy</i>	caule	Coleta
Pitangueira	<i>Anhamgapiry</i>	caule	Coleta
Taquara-mansa	<i>Taquá'i</i>	colmo	Coleta
Samambaiçu-xaxim	<i>Tregüem</i>	caule	Coleta

Quadro 1 - Criações naturais de uso comum utilizada para construção de casas *Mbya* Guarani

Fonte: Freitas (2006), Prudente (2007), adaptado pela autora.

3.1.3 PINDÓ (JERIVÁ), JEJY (JUÇARA) E O JATA'I (BUTIÁ)

Dentre as palmeiras que se destacam nas criações naturais de uso comum no litoral estão o *pindó*, a *jejy* (juçara) e o *jataí* (butiá).

O *pindó* (jerivá) é encontrado em todas as aldeias no litoral, sendo considerada uma palmeira sagrada - verdadeira e eterna - para os *Mbya*, sendo uma das criações de uso comum mais cultivada e coletada/acessada por eles nas *tekoá* e em áreas de circulação no litoral, inclusive é considerada como uma planta indicadora de aldeias ancestrais. Todas as partes da palmeira são aproveitadas pelos *Mbya* (os frutos, o caule, as folhas e as fibras). Essa palmeira serve como fonte de alimento e abrigo e está vinculada à subsistência *Mbya*.

O *pindó* é a primeira planta a ser cultivada quando uma nova aldeia é criada, simbolizando a presença dos *Mbya* no *Yvy Rupá*. Seus frutos são coletados em expedições coletivas e socados em pilão de onde extraem o suco. Do *pindó* também retiram o palmito que comem com *ei* (mel) de abelhas nativas. A figura 5 ilustra a coleta dos frutos do *Pindó* por jovens nas matas da *tekoá* *Ka'aguy Porã*.

Quanto ao uso da palmeira *jejy* (juçara) pelos *Mbya* no litoral sul-rio-grandense, o costume é consumir somente o palmito, sendo que os frutos passaram a ser apreciados há pouco tempo, em meio às relações de diálogo interculturais que buscam a conservação pelo uso desta espécie e o fortalecimento da segurança alimentar e nutricional.



Figura 5 - Coleta dos frutos do *pindó* nas matas do *Yvy Rupá*, em Maquiné.
Fotos: André Benites (2017).

O *jataí* (butiá) concentra-se na *tekoá Nhu Porã*, em Torres, e essa criação é representada pela espécie *Butia catarinensis*. Dessa palmeira consomem-se os frutos, mas as folhas eram usadas para elaborar feitiços de artesanato. Atualmente, são poucos os *Mbya* que usam as folhas do butiá para confecção de cestos, sendo esse conhecimento relatado pelos mais velhos. A *tekoá Nhu Porã* está inserida no corredor de distribuição do *Butia catarinenses* que se estende em direção à Imbituba, litoral de Santa Catarina (Fogaça 2014).

3.1.4 KURUPIKA'Y (PAU-LEITEIRO)

O *kurupika'y* (pau-leiteiro - *Sapium glandulosum*) é uma árvore cuja madeira é a mais usada para confecção de artesanatos, especialmente os “bichinhos”, como chamam os Guarani, que representam a fauna nativa da Mata Atlântica e do Pampa. Esta espécie é encontrada nas matas remanescentes dentro das aldeias ou no seu entorno, mas seu cultivo também tem sido intensificado pelos próprios *Mbya*, que passaram a plantar mudas nas proximidades das casas. Em geral, essas mudas são oriundas de projetos em parceria com ONGs, universidades e a Emater, local de incentivo à agroflorestas com espécies nativas solicitadas pelos próprios *Mbya*.

3.1.5 KAPI'I REIMBÉ (CAPIM SANTA FÉ)

O *kapi'i reimbé* (capim santa fé - *Panicum prionitis*) está dentre uma das criações naturais mais procuradas pelos *Mbya* no litoral. Ela ocorre em áreas úmidas e mobiliza fortemente a população no litoral a manter o acesso junto à *tekoá Yryyapu*, localizada na Planície Costeira, pois nessa porção do *Yvy Rupá*, somente nessa *tekoá*, é que ocorre essa espécie. O *kapi'i reimbé* (capim afiado) é usado para cobrir as casas tradicionais e especialmente as *opy*.

Em diálogo com representante do CTI que atua com os *Mbya* em projetos de revitalização das matas no *Yvy Rupá*, foi destacado que o *kapi'i reimbé* é manejado pelos Guarani na aldeia *Yryyapu* faz alguns anos. A planta já ocorria naturalmente na área da aldeia e foi sendo propagada pelos *Mbya*, que fizeram plantios em linha que se destacam na paisagem. Existe toda uma espiritualidade envolvida com cultivo e propagação do capim santa fé, principalmente porque a planta é usada para cobrir as *opy*.

Entretanto, atualmente além do cultivo para uso interno na aldeia, passou-se a “comercializar” *kapi'i reimbé* entre os próprios *Mbya*. Eles “vendem” a planta para as outras aldeias no *Yvy Rupá*, explicando que o valor pago é pelo conhecimento sobre como realizar o manejo da

planta, pois somente os *Mbya* da *tekoá Yyryapu* o detêm. Então, “vendem” esse saber associado à mão de obra do trabalho, do manejo e da colheita. Assim, eles cortam o capim e os deixam em feixes para serem transportados para as outras aldeias.

Os *Mbya* da *tekoá Yyryapu* relataram que já tiveram experiência de receber outros Guarani de outras aldeias (por exemplo, do TI Cantagalo) para ensinar sobre o manejo do *kapi'i reimbé*, mas relutaram, pois, eles não detinham o conhecimento. Nessa experiência, alguns *Mbya*, por não saberem manejar o corte corretamente, comprometeram muitas plantas, que acabaram sendo perdidas, confirmando o receio dos membros da *tekoá Yyryapu*.

Conforme os *Mbya*, o manejo é “cortar bem em cima”, existe um ponto de corte ideal para a planta rebrotar. Por isso, os Guarani da *tekoá Yyryapu* preferem negociar o *kapi'i reimbé* para manterem as plantas, sem riscos de perdê-las. Isso é o que argumentam, de modo que esta prática tem sido uma das fontes de renda para a aldeia.

O Centro de Trabalho Indigenista (CTI) tem promovido ações de intercâmbio da aldeia *Yyryapu* com a aldeia *Koe'ju* (localizada em São Miguel das Missões), no âmbito do *Programa Guarani – Revitalizando as matas nativas: apoio às atividades de restauração cosmo-ecológicas e enriquecimento agroflorestal Tekoa Koe'ju*. A *tekoá Koe'ju* pretende expandir o plantio do capim santa-fé nas áreas úmidas da aldeia e, assim, um grupo

Mbya realizou uma visita de intercâmbio à *tekoá Yyryapu*, em dezembro de 2017, onde ocorreu a oficina de formação *Guarani para Guarani*, focada em ecologia, cultivo, manejo e espiritualidade do *kapi'i reimbé*.

As criações naturais originárias apresentadas nesta seção se destacam em conjunto entre os recursos de uso comuns amplamente citados por representantes *Mbya* no litoral do Rio Grande do Sul, como aqueles necessários à sua reprodução sociocultural. Na medida em que é mantido o seu livre acesso e seu manejo tradicional em meio às florestas remanescentes e às áreas em que realizam agricultura de subsistência, eles vislumbram possibilidades de caminharem em direção ao *teko porã* (bem-viver) enquanto estão de passagem neste mundo.

A próxima seção espacializa os fluxos de circulação das *ka'aguy heté reguá* entre as aldeias, apresentando a territorialidade das criações naturais entrelaçada à territorialidade *Mbya* nesta porção do *Yvy rupá*.

3.2 O TERRITÓRIO MBYA TECIDO A PARTIR DAS CRIAÇÕES NATURAIS DE USO COMUM NAS DIFERENTES TEKÓÁ DA PORÇÃO DO LITORAL DO YVY RUPÁ

O vasto conhecimento dos *Mbya* Guarani sobre os usos e benefícios de espécies da flora

nativa encontrada nos diferentes biomas em que se assenta o *Yvy Rupá* tem sido registrado há décadas por pesquisadores, resgatando e visibilizando o manejo agroflorestal e cosmoecológico por eles realizado (Noelli 1998, Pissolatto 2007, Souza 2008).

Recentes estudos da Etnobotânica evidenciam a circulação de plantas em meio à mobilidade interaldeã *Mbya*, envolvendo os estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e a província de Misiones, na Argentina. A troca de plantas cultivadas ou espontâneas e conhecimentos sobre o seu manejo ocorre com diferentes finalidades, com destaque para os usos medicinal, arquitetural (construção das casas tradicionais, especialmente a *opy*) e para confecção de artesanatos que são comercializados para complementar a sustentabilidade econômica dos *Mbya* em suas aldeias contemporâneas (Cossio 2015, Pereira et al. 2016, Andrade & Hanazaki 2019).

É grande a preocupação com a manutenção das *ma'ety* (plantações das sementes originárias, como milho, melancia, feijão, dentre outros cultivos) que são a razão de grande parte dos deslocamentos dos *Mbya* no litoral. Ao se deslocarem, eles se conectam e fortalecem a rede de acesso às sementes verdadeiras que mantém viva a base tradicional da segurança alimentar e nutricional do povo Guarani. As trocas ocorrem conforme ditam os ciclos do *ara pyau* (tempos novos - primavera

e verão) e *ara yma* (tempos antigos - outono e inverno), orientando as atividades da agricultura de subsistência nas *tekoá*.

Algumas criações naturais que se destacam na porção do *Yvy Rupá* correspondente ao litoral do Rio Grande do Sul são a *ka'a* (erva-mate), o *kuri'y* (pinhão), o *tregüem* (xaxim), a *takua'i* (taquara mansa), o *kurupika'y* (pau-leiteiro), o *jejy* (juçara), o *kapi'i reimbe* (capim santa-fê), o *pindó* (jerivá), o *ygary* (cedro) e as *mae'ty* (conjunto de sementes originárias encontradas nas roças e que mantém o banco das sementes *Mbya*, como o *avaxi heté'i*).

Essas criações são encontradas no interior das aldeias ou em terras adjacentes, no entorno delas, geridas sob diferentes regimes de apropriação. Na região do Planalto, na abrangência das aldeias *Tekoá Itapoty*, *Pindoty* e *Nhu'u porã*, todas situadas nos municípios de Riozinho e Maquiné, respectivamente, predomina o *Kuri'y* (pinheiro), de onde os Guarani manejam e coletam o pinhão, além da erva-mate, xaxim, cedro e taquara-mansa. Já na região de transição da encosta do Planalto com Planície Costeira, nas *Tekoá Pindoty*, *Nhu Porã*, *Ka'aguy Porã*, *Guyra Nhendu*, *Baçara*, *Kuaray Rexë*, *Ka'a Mirindy Yy Pa'u*, *Yryapu/Aracaty*, situadas nos municípios de Riozinho, Maquiné, Osório e Palmares do Sul, respectivamente, se destacam o jerivá, o pau-leiteiro, a juçara e o butiá. As *ma'ety heté* (plantações com sementes originárias) são

encontradas praticamente em todas as *tekoá* envolvidas neste estudo.

As criações apresentadas “suprem as faltas” interaldeãs, por exemplo, a *tekoá Nhu’u Porã* fornece a taquara-mansa, muito usada para confecção de artefatos de uso doméstico, artesanatos (cestas e balaios) e cobertura das casas para as *tekoá Guyra Nhendu, Nhu Porã, Kuaray Rexë, Pindoty, Itapoy*, além disso, circulam a partir da *Nhu’u Porã*, a erva-mate e o pinhão para as demais aldeias no território. O *kapi’i rembé* viaja da *tekoá Yryapu* para outras *tekoá*, como a *Ka’a Mirindy Yyy Pa’u* e a *Jata’ity*, esta última localizada em Viamão, para além da porção do *Yvy rupá* abordado neste artigo. Essa criação é preferencialmente usada para cobrir as *opy*.

Importante ressaltar que na contemporaneidade, uma das principais fontes de renda dos *Mbya* é obtida por meio da venda do artesanato (Silva et al. 2008), cujas peças são feitas da matéria-prima de algumas das criações naturais, como o *kurupika’y* (pau-leiteiro), o *ygary* (cedro) e o *takua’i* (taquara-mansa), com os quais são feitas esculturas de animais (*vicho ra’anga*), que expressam as criações do grande criador *Nhanderú*, e os balaios e cestos, respectivamente. A comercialização dessas peças, que na sua origem eram artefatos decorativos ou com funções de armazenar alimentos e utensílios, compõe acervo

da cultura material *Mbya* Guarani. Atualmente, a comercialização de peças artesanais, como balaios, cestos, bichinhos, colares, dentre outras são ética e culturalmente autorizadas entre os *Mbya*, pois contribuem para a sustentabilidade econômica indígena contemporânea.

O quadro 2 apresenta os principais usos de espécies e as aldeias de origem e destino das criações naturais identificadas nesta porção do *Yvy Rupá*. Essas criações naturais de uso comum (ainda que com suas particularidades quanto aos usos, manejo, disponibilidade de acesso) tecem os elos de complementariedade entre as *tekoá* nesta porção do *Yvy Rupá* no litoral. Essas criações naturais mobilizam os diálogos entre os *Mbya* e diálogos interculturais no âmbito da governança territorial *Mbya* no litoral, contribuindo para o *teko porã reguá* (caminho para o bem-viver).

O constante fluxo de mobilidade *Mbya* pelo *Yvy Rupá* mostra-se orientado pelas relações de parentesco, que tece as redes de sociabilidade guarani, envolvendo estratégias de sustentabilidade econômica e manutenção das tradições socioculturais. Nas visitas realizadas entre as famílias, eles levam saúde, alegria e felicidade, pois carregam junto plantas e sementes verdadeiras originárias, que são oferecidas ou trocadas, assim como tratamentos de saúde e/ou espirituais nas *opy* com *karaí* ou *kunhã karaí* são

realizados, em meio às relações de reciprocidade (*mborayu*).

No litoral do Rio Grande do Sul, o percurso, em alguns casos, é realizado a pé, por trilhas que interconectam as aldeias, possibilitando o acesso às espécies vegetais e animais que compõem o

ka'aguy heté reguá e sustentam a base do *Mbya rekó*. A figura 6 espacializa a localização e os fluxos das *ka'aguy heté reguá*, além do conjunto de sementes que compõem as *ma'ety* (plantações originais), acessadas e manejadas pelos *Mbya* nesta porção do *Yvy Rupá*.

Ka'aguy heté reguá (criações naturais originárias)						
Nom e popular	Nom e científico	Nom e Guarani	Categorias de Uso	Aldeia origem/ predominio	Aldéa Destino	Relevo associado à origem
Erva-mate	<i>Ilex paraguariensis</i>	<i>Ka'a</i>	Alim., Comerc., Med., Xam.	<i>Tekoá Nhu'u Porã; Ka'aguy Pa'u</i>	<i>Tekoá Guyra Nhendu; Kuaray Rexê; Nhu Porã</i>	Planalto; Encosta
Pinheiro	<i>Araucaria angustifolia</i>	<i>Kwi'y</i>	Alim., Art., Comerc.	<i>Tekoá Nhu'u Porã; Pindoty</i>	<i>Tekoá Ka'aguy Porã; Guyra Nhendu; Kuaray Rexê; Nhu Porã; Yryapu/ Aracaty;</i>	Planalto
Taquara mansa	<i>Merostachys multiramea</i>	<i>Takua'i</i>	Art., Arte., Const.	<i>Tekoá Nhu'u Porã</i>	<i>Tekoá Ka'aguy Porã; Guyra Nhendu; Kuaray Rexê; Nhu Porã; Yryapu/ Aracaty;</i>	Planalto
Jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	<i>Pindó</i>	Alim., Const., Med.	<i>Tekoá Ka'aguy Porã; Pindoty; Guyra Nhendu;</i>	<i>Tekoá Nhu'u Porã</i>	Encosta, Planície
Butiá	<i>Butia catarinensis</i>	<i>Jata'i</i>	Alim., Med.	<i>Tekoá Nhu Porã</i>	-	Planície
Juçara	<i>Euterpe edulis</i>	<i>Jejy</i>	Alim., Comerc.	<i>Tekoá Ka'aguy Porã; Guyra Nhendu</i>	<i>Tekoá Ka'aguy Porã; Kuaray Rexê</i>	Encosta e Planície
Xaxim	<i>Dicksonia selowiana</i>	<i>Tregüem</i>	Const.	<i>Tekoá Nhu'u Porã</i>	-	Planalto
Pau-leiteiro	<i>Sapium glandulatum</i>	<i>Kurupika'y</i>	Art., Arte.	<i>Tekoá Nhu'u Porã, Ka'aguy Porã; Pindoty; Guyra Nhendu, Yryapu/ Aracaty</i>	<i>Tekoá Kuaray Rexê; Porã'i;</i>	Planalto, Encosta, Planície
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i>	<i>Ygary</i>	Const. Xam.	<i>Tekoá Nhu'u Porã; Pindoty; Ka'aguy Porã</i>	<i>Tekoá Guyra Nhendu; Kuaray Rexê; Nhu Porã</i>	Planalto, Encosta
Guaimbé	<i>Philodendrom bifimatifidum</i>	<i>Gembe'pi</i>	Const.	<i>Tekoá Nhu'u Porã; Ka'aguy Porã</i>	<i>Tekoá Nhu'u Porã;</i>	Encosta, Planície
Capim Santa-fé	<i>Panicum rivulari</i>	<i>Kapi'i reimbe</i>	Art., Const.	<i>Tekoá Yryapu e Aracaty</i>	<i>Tekoá Ka'a Mĩrindy Yy Pa'ũ; Pindoty</i>	Planície
Ma'ety heté (plantações verdadeiras)						
Melancia	<i>Xanjáu ete'i</i>		Alim., Med.	<i>Todas tekoá (exceto tekoá Nhu'u Porã)</i>	<i>Todas tekoá (exceto tekoá Nhu'u Porã)</i>	Encosta; Planície
Milho	<i>Avaxi ete'i</i>		Alim., Med., Xam.	<i>Todas tekoá</i>	<i>Todas tekoá</i>	Encosta; Planície
Amendoim	<i>Manduvi ete'i</i>		Alim. Med.	<i>Todas tekoá</i>	<i>Todas tekoá</i>	Planalto; Encosta; Planície
Feijão	<i>Kumandá ete'i</i>		Alim. Med.	<i>Todas (exceto tekoá Nhu'u Porã)</i>	<i>Todas tekoá</i>	Planalto; Encosta do Planalto; Planície
Batata doce	<i>Jety ete'i</i>		Alim. Med.	<i>Todas tekoá</i>	<i>Todas tekoá</i>	Planalto; Encosta; Planície
Aipim	<i>Mandi'o ete'i</i>		Alim. Med.	<i>Todas tekoá</i>	<i>Todas tekoá</i>	Planalto, Encosta, Planície
Abobora	<i>Andai</i>		Alim. Med.	<i>Todas tekoá</i>	<i>Todas tekoá</i>	Planalto, Encosta, Planície
Tabaco	<i>Pety etei</i>		Alim. Med., Xam.	<i>Todas (exceto tekoá Nhu'u Porã)</i>	<i>Todas tekoá</i>	Encosta, Planície
Cabaça/Porongo rasteiro	<i>Yakuá ete'i</i>		Art., Arte., Xam.	<i>Todas (exceto tekoá Nhu'u Porã)</i>	<i>Todas tekoá</i>	Encosta, Planície

Legenda: Alim.: Alimento; Art.: Artefato; Arte.: Artesanato; Const.: Construção; Comerc.: Comercialização; Med.: Medicinal; Xam.: Xamanismo.

Quadro 2 - Criações naturais originárias de uso comum que circulam entre os *Mbya* no litoral do Rio Grande do Sul. Fonte: Adaptado de Printes (2019).

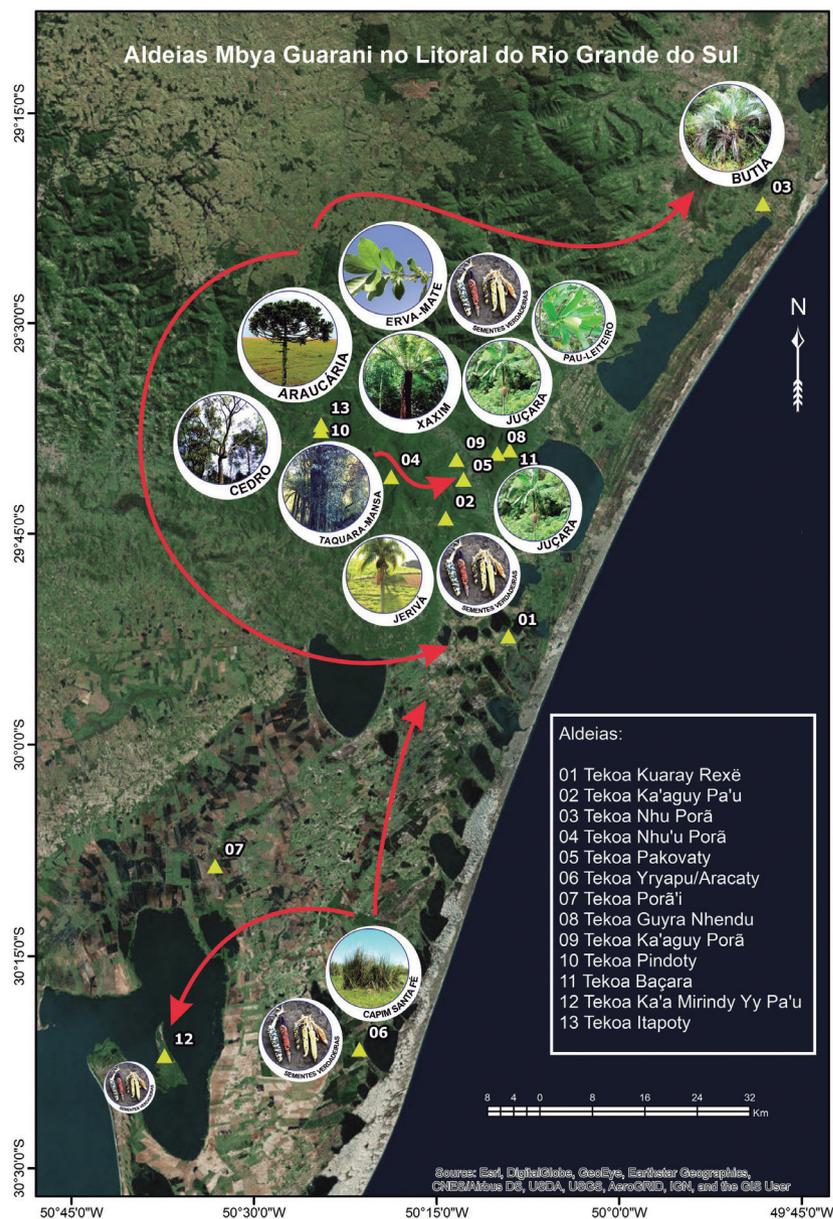


Figura 6 - Espacialização e fluxos de origem e destino das *ka'aguy heté reguá* que circulam pelo litoral do Rio Grande do Sul mobilizados pela territorialidade Mbya Guarani.

Nota: Legenda em português: *Aldeia Kuaray Rexe* (Sol Nascente), *Aldeia Ka'aguy Pa'ü* (Varzinha), *Aldeia Nhu Porã* (Campo Bonito), *Aldeia Nhu'u Porã* (Campo Molhado), *Aldeia Pakovaty* (Bananal), *Aldeia Yryapu/Aracaty* (Capivari-Granja Vargas), *Aldeia Porã'i* (Acampamento Capivari), *Aldeia Guyra Nhendu* (Som dos Pássaros), *Aldeia Ka'aguy porã* (Floresta Sagrada), *Aldeia Pindoty* (Riozinho 2), *Baçara* (Baçara), *Aldeia Ka'a Mirindy Yy Pa'ü* (Ilha da Lagoa) e *Aldeia Itapoty* (Riozinho 1).

Fonte: Elaborado por Silva (2018).

Cada *tekoa* no litoral do Rio Grande do Sul compõe um pequeno fragmento desta porção do *Yvy Rupá*, sendo que cada fragmento resguarda alguma das *ka'aguy heté reguá*, acessada por todos, mobilizando o constante movimento. Desse modo, suprem certas “faltas”, atuando tanto como guardiões dos *ka'aguy heté reguá*, quanto como facilitadores na complementaridade entre as *tekoá*, mantendo vivas as regras de *Nhanderu*. É neste contexto que os *Mbya* são resilientes, na medida em que as diferentes aldeias e os espaços de circulação são complementares entre si na relação com os *ka'aguy heté reguá*.

As relações que compõem o território originário *Mbya* Guarani são praticadas nessa rede de articulação interaldeã, em que se expressam as características apresentadas nesta seção, com destaque para o papel da reciprocidade na gestão dos *ka'aguy heté reguá* de uso comum. Nas últimas décadas também foram significativas as relações construídas em meio a diálogos interculturais e intercientíficos mantidos com não indígenas, sendo as políticas públicas territoriais, indigenistas e socioambientais (Printes et al. 2016), uma das pontes viabilizadoras dessa articulação para coexistência entre as diferentes territorialidades presentes no território.

4 FRICÇÕES INTERCULTURAIS EXPLICITADAS PELA CATEGORIA COSMOECOLÓGICA KA'AGUY HETÉ REGUÁ E A COSMOLOGIA REPRESENTADA PELA CIÊNCIA OCIDENTAL

O conhecimento *Mbya* sobre a existência humana é revelado nas fábulas míticas e filosóficas deste povo, demonstrando saberes etnoecológicos e etnogeográficos que embasam e orientam suas práticas de manejo e deslocamentos no *Yvy Rupá*. Na mitologia *Mbya*, as criações naturais são pensadas como “reflexos terrenos das forças criativas do cosmos” que dão sentido à existência do “Saber *Mbya*”. É comum encontrar rios, formações geográficas e lugares cujas toponímias fazem referência a palavras na língua Guarani, reafirmando espaços de uso e habitação dos originários (Souza 2008:22).

Os fundamentos da cosmoecologia *Mbya* são atualizados ao caminhar pelo *Yvy Rupa*. Na medida em que usufruem das criações naturais, contribuem para a manutenção e propagação de diversas espécies vegetais e animais enriquecendo a biodiversidade, pois conforme manejam os ambientes florestais ou campestres e ao fazerem suas roças tradicionais, dispersam as sementes e frutos, contribuindo para (re)compor as paisagens dos ecossistemas. Ao manejar as espécies, socializam as criações com os demais seres das

matas, como os quatis ou tatus que transitam nas proximidades das aldeias, se alimentando de sobras das roças ou dos frutos dos quintais agroflorestais (Souza 2008).

Essa perspectiva cosmoecológica *Mbya* Guarani revela um modo de ser e viver em que sociedade-cultura-natureza estão intrinsecamente vinculadas aos ambientes e espaços em que a territorialidade se expressa, sendo indissociáveis do mundo invisível-espiritual, que permeia as relações entre todos os seres humanos e não humanos (vegetais, animais, minerais) (Heurich 2008). Nesse contexto, a tradução da categoria cosmoecológica *ka'aguy heté reguá* como criações originárias de uso comum, fricciona dois pontos da ciência ocidental, quais sejam a necessidade de inclusão do complemento “uso comum”, em contraponto a usos individuais/privados; e o complemento “originário” incluindo tanto populações de espécies nativas silvestres como domesticadas, sem fazer essas distinções.

Na língua *Mbya* Guarani, a concepção de “privado” é inexistente, essa palavra não existe no vocabulário guarani, sendo intraduzível na cultura *Mbya*. Apesar de culturalmente existirem espaços de cultivo/roças familiares, tudo que é semeado e cultivado não está dentro de uma lógica de “apropriação”, já que “ninguém é dono de nada, pois tudo é fruto da criação de *Nhanderú*”. Assim, as espécies vegetais e animais que existem nas

florestas, nos campos e em diferentes ambientes, cujos usos são autorizados pelos *Nhanderu kuery* (deuses), ou os *ja* (donos) das criações, são de uso comum (de todos) e de livre acesso, todos podem fazer uso. Na concepção indígena *Mbya*, eles devem fazer uso das criações naturais que estão na Terra, e inclusive, quando autorizados, podem “modificar um pouco o que foi criado” (Brizoela, comunicação pessoal), ou seja, cuidar/domesticar culturalmente o que for necessário para sua subsistência.

Conforme os *Mbya*, *Nhanderu* criou e povoou as matas com *yvyra* (árvores e plantas), *gyyra* (pássaros) e os animais silvestres para os Guarani usarem, conforme suas necessidades ao longo da vida neste plano terreno. Quando a cacique Julia manifestou que “*Nhanderu* mesmo que botou aqui na terra para o Guarani, o milho”, ela não está separando uma semente dispersada pelo vento ou por animais das sementes cultivadas pelos Guarani, cujas populações, segundo a ciência ocidental, são consideradas em processos de domesticação. Então, a categoria cosmoecológica *ka'aguy heté reguá* sintetiza “todas as criações que vivem na abrangência das matas e das *kokué* (roças), ou seja, “tudo que a mata envolve”. A partir do diálogo com a ciência ocidental, percebe-se que a categoria *ka'aguy heté reguá* abriga tanto paisagens pristinas e promovidas e populações de espécies nativas silvestres (*sensu* Clement et al. 2015), como as

paisagens e populações de espécies domesticadas, como as roças guarani e as sementes originárias de milho (*avaxi*), feijão (*kumanda*) e amendoim (*manduvi*).

Para a ciência moderna, quando uma espécie passa a ser reproduzida por meio dos cultivos, passando a depender da ação humana, ela se torna domesticada, podendo levar à interpretação de que deixa de ser natural. Essa situação evidencia a cosmologia da ciência ocidental alicerçada na ruptura sociedade/natureza, que considera sociedade/humanos e natureza como polos excludentes, em que a natureza passa a ser “objeto ou recurso” disponível ilimitadamente (Bernardes & Ferreira 2010). Na cosmoecologia guarani não há essa ruptura, que fica evidenciada na fricção da categoria cosmoecológica *ka'aguy heté reguá* com a sua tradução pela ciência ocidental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação do território *Mbya* Guarani é demonstrada a partir de uma pequena porção *Yvy Rupá* no litoral gaúcho, não obstante a descaracterização total ou parcial dos ambientes em que vive este povo, devido aos sucessivos ciclos econômicos de colonização, os *Mbya* continuam mantendo seu sistema social e cultural, (re) existindo entre as dificuldades impostas aos espaços, recompondo constantemente a ecologia

dos lugares por onde passam e permanecem. Cada *tekoá* no litoral do Rio Grande do Sul compõe um pequeno fragmento desta porção do *Yvy Rupá*, sendo que cada fragmento resguarda alguma das *ka'aguy heté reguá* de uso comum, acessada por todos, mobilizando o constante movimento e fortalecendo vínculos territoriais. Desse modo, suprem certas “faltas”, atuando tanto como guardiões dos *ka'aguy heté reguá*, quanto como facilitadores na complementariedade entre as *tekoá*, daquilo que mantém vivas as regras de *Nhanderu*.

Sobrevivendo em áreas diminutas, com poucos “meios” para manutenção do *mbya rekó*, devido à escassez e/ou dificuldade de acesso às *ka'aguy heté reguá*, esses povos também passam por privações de sua mobilidade junto aos espaços considerados sagrados na sua cultura, os quais estão diretamente ligados a conexões espirituais com os seres das matas. Apesar dessas privações, o território *Mbya* no litoral é resiliente, na medida em que se mantêm fortes os vínculos com o espaço geográfico que usufrui, associado à manutenção dos laços de parentesco, promovendo o manejo e circulação das *ka'aguy heté reguá* entre as visitas nas aldeias.

Verificou-se que a territorialidade *Mbya* Guarani é caracterizada pelas interações e reciprocidade intra e interaldeãs estabelecidas em meio às relações interculturais, em um contínuo

“vai e vem” e esforço pelo acesso e manutenção das *ka’aguy heté reguá* que se encontram nas áreas de entorno e dentro dos limites de cada uma das aldeias presentes no litoral. As *ka’aguy heté reguá* compõem a base de um sistema cultural, pois diante das necessidades mobilizam seus usos no território e geram os fluxos de circulação dessas criações entre as aldeias, em interação com outras territorialidades. A noção de complementaridade que envolve a territorialidade *Mbya* é significada pela existência de trocas mútuas e contínuas dessas criações naturais, que vão para além de trocas materiais, pois os usos dessas criações abrangem dimensões permeadas de sentidos espirituais e cosmoecológicos, orientados pelas regras de *Nhanderu*.

Pelo fato das *ka’aguy heté reguá* representarem uma dimensão da territorialidade *Mbya* Guarani que explicita relações com seus territórios,

essa categoria cosmoecológica, que fricciona conceitos e bases da ciência ocidental, também ficou evidenciada como uma ferramenta a somar nos esforços para o fortalecimento dos direitos territoriais Guarani.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao Dr. Flávio Bezerra Barros, pelo incentivo em publicar nesta revista. Ao PGDR/UFRGS, à CAPES e ao CNPq, pela concessão da bolsa de doutorado e fomento aos projetos. Aos interlocutores *Mbya* Guarani, nomeadamente: Felipe Brizoela, André Benites, Julia Gimenes e José Verá. Ao NEDET/UFRGS e ao Codeter Litoral, pela possibilidade de atuar como extensionista realizando a interlocução com os *Mbya* Guarani no litoral do Rio Grande do Sul. Aos pareceristas da revista *Amazônica*, pelas contribuições para aprimorar o artigo.

REFERÊNCIAS

Andrade, J. H. C. 2019. Intercâmbio de plantas na medicina *Mbya* Guarani no Sul do Brasil. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Biologia de Fungos, Algas e Plantas, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

Acosta, A. 2016. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Elefante.

Albuquerque, U. P., R. F. P. Lucena, L.V.F.C. Cunha. Organizadores. 2008. *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica*. 2. ed. Recife: Comunigraf.

Andrade, J. H. C. de. 2019. Intercâmbio de plantas na medicina *Mbyá*-Guarani no sul do Brasil. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Biologia de Fungos, Algas e Plantas, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

Bardin, L. 2006. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bernardes, J. A., F.P.M. Ferreira. 2010. Sociedade e Natureza, in *A questão ambiental: diferentes abordagens*. Organizado por S. B. Cunha, A. J. T. Guerra. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Berkes, F. et al. 1989. The benefits of the commons. *Nature* 340: 91-93.

Castro, D., Mello, R.S.P. Organizadores. 2013. *Atlas Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí*. Porto Alegre: Ed. Via Sapiens.

Coelho-de-Souza, G. et al. 2019. Governança da política de desenvolvimento territorial no Rio Grande do Sul: dinâmicas no contexto socioambiental dos Territórios Rurais Litoral e Campos de Cima da Serra. *Revista Margens Interdisciplinar*.

Coelho-de-Souza, G. et al. 2017. Relatório de atividades projeto Fortalecimento do Desenvolvimento Territorial no Estado do Rio Grande do Sul: constituição dos Núcleos de Extensão em Desenvolvimento Territorial do Litoral e Campos de Cima da Serra. [S.l.]: Núcleo de Desenvolvimento Territorial.

Chamorro, G. 1999. Os Guarani: sua trajetória e seu modo de ser. *Cadernos do Comim* 8. Disponível em: <https://comin.org.br/publicacao/os-guaranis-sua-trajetoria-e-seu-modo-de-ser/>. Acesso em: 11 dez. 2020.

Clement, C. R., F. O. Freitas, R. L. Romão. 2015. Recursos fitogenéticos: a base da agricultura sustentável no Brasil, in *As origens da agricultura na América do Sul*. Editado por Veiga, R.F.A., M.A. Queiróz, pp. 30-38. Viçosa: Editora da Universidade Federal de Viçosa.

Cossio, R. R. 2015. Etnoecologia caminhante, *oguata va'e*, em trilhas para a descolonização de relações interculturais: circulação de pessoas e plantas Mbya Guarani entre Brasil e Argentina. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Diegues, A. C. 2001. Repensando e Recriando as Formas de Apropriação Comum dos Espaços e Recursos Naturais, in *Espaços e recursos naturais de uso comum*. Organizado por A.C. Diegues, A. C. Moreira, pp. 97-124. São Paulo: USP.

Feeny, D.; Berkes, F.; Mccay, B. J.; Acheson, J. M. 2001. A tragédia dos comuns: vinte e dois anos depois, in *Espaços e recursos naturais de uso comum*. Organizado por A.C. Diegues, A. C. Moreira, pp 17-42. São Paulo: USP.

Freitas, A. E. 2006. *Estudos Complementares ao EIA/RIMA referentes ao componente indígena voltado ao processo de Licenciamento Ambiental do Sistema de Reforço Eletroenergético à Ilha de Santa Catarina e Litoral Catarinense*. Porto Alegre: Neocorp/Eletrosul – Centrais Elétricas S. A.

Fogaça, I. B. 2014. Etnoecologia de *Butia catarinenses* Noblick & Lorenzi em Laguna, Santa Catarina. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

Hazenack, H., E. Weber. (Org.). 2010. *Base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul - escala 1:50.000*. Porto Alegre: UFRGS/Centro de Ecologia. 1 DVD-ROM. (Série Geoprocessamento n.3).

Heurich, G. O. 2008. O primado da relação: aliança, diferença e movimento nas perspectivas indígenas, in *Porto Alegre*. Editado por Prefeitura de Porto Alegre, pp. 79-91. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Pública/Coordenação de Direitos Humanos/Núcleo de Políticas Públicas para os Povos Indígenas na Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba.

História e Cultura Guarani, 2021. *Quem são os deuses Guarani Mbya?* Disponível em: <https://historiaeculturaguarani.org/quem-sao-os-deuses-guarani-mbya/>. Acesso em: 16 fev. 2021.

Iecam. 2015. *Projeto: ar, água e terra vida e cultura Guarani - Ações de Recuperação e Conservação Ambiental em aldeias Guarani do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://www.iecam.org.br/projetos/1/ar-agua-e-terra-vida-e-cultura-guarani>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Ladeira, M. I. 2008. *Espaço geográfico Guarani-M'bya: significação, constituição e uso*. Maringá: Eduem; São Paulo: Edusp.

Noelli, F. S. 1998. Aportes históricos e etnológicos para o reconhecimento da classificação Guarani de comunidades vegetais no século XVII. *Fronteiras: Revista de História* 2 (4).

Ostrom, E. 2009. A general framework for analyzing sustainability in socialecological systems. *Science* 325 (5939): 419-422.

Pereira, G. S. et al. 2016. Ecologia Histórica Guarani: as plantas utilizadas no bioma Mata Atlântica do litoral sul de Santa Catarina, Brasil (parte 1). *Cadernos do Lepaarq* 13 (26).

Pissolato, E. 2007. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo Mbya (Guarani)*. São Paulo: Editora UNESP/ISA; Rio de Janeiro: NuTi.

Printes, R. B. et al. 2016. O diálogo intercultural com a política territorial e a política indigenista: a experiência Mbya Guarani no Território Litoral do Rio Grande do Sul. In *Territórios e Agroflorestas em Rede*.

Printes, R. B., A. Benites. 2017. Retomada no Yvy Rupá: Resistência Mbya Guarani em terras ancestrais no litoral do Rio Grande do Sul. In *III Simpósio Internacional de Geografia Agrária*.

Printes, R. B. 2019. Plano de Vida *Mbya kuery* que “saiu do papel” no litoral do Rio Grande do Sul: governança para o *tekó porã reguá* (caminho do bem viver). Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Prudente, L. T. 2007. Arquitetura Mbyá Guarani na Mata Atlântica do Rio Grande do Sul: estudo de caso do *tekoá Nhüu Porã*. Dissertação de Mestrado, Escola de Engenharia, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Rocha, A. L. C.; C. Eckert. 2008. Etnografia: saberes e práticas, in Pinto, C.R.J., C.A.B. Gazzelli. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301>. Acesso em: 2 jul. 2020.

Schimitz, P. I. Organizador. 1991. Pré-história do Rio Grande do Sul. *Documentos 5*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas.

Silva, S. B. et al. 2008. Coletivos indígenas em Porto Alegre e regiões limítrofes, in *Diversidade e proteção social: estudos quanti-qualitativos das Populações de Porto Alegre: afro-brasileiros, crianças, adolescentes e adultos em situação de rua, coletivos indígenas, remanescentes de quilombos*. Organizado por Gehlen, M. B. Silva, e S. R. Santos. Porto Alegre: Century.

Silveira, D. T; F.P. Córdova. 2009. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. pp 31-42.

Soares, M. A. 2012. Caminhos para viver o *Mbya Reko*: estudo antropológico do contato interétnico e de políticas públicas de Etnodesenvolvimento a partir de pesquisa etnográfica junto aos coletivos Guarani do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Brasil.

Souza, J. O. C. 2008. *Territórios e povos originários (des)velados na Metrópole de Porto Alegre*. Organizado por A.E.C. Freitas, L. F. C. Fagundes. Porto Alegre: Núcleo de Políticas Públicas para os Povos Indígenas/Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana/Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Svampa, M. 2016. Extrativismo neodesenvolvimentista e movimentos sociais. Um giro ecoterritorial rumo a novas alternativas? In *Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento*. Editado por C. Dilger, M. Lang, J. Pereira Filho, pp. 141-171. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo.

Townsend, C.R., M. Begon, J. L. Harper. 2006. *Fundamentos em ecologia*. Porto Alegre: Artmed.

Verá, J. 2007. *Mbyá Guarani*. Desenhos, notas e fotos. Canela: ASSECAN.